O bicentenário de Freire Alemão

Os meios culturais brasileiros comemoram neste ano de 1997 o bicentenário de nascimento de Francisco Freire Alemão de Cisneiros, expressivo nome da botânica nacional. O fato assume particular interesse para o Ceará porque Alemão foi o competente e dedicado chefe da Comissão Científica de Exploração que percorreu a Província entre 1859 e 1861.

Francisco Freire Alemão nasceu em 24 de julho de 1797, na Fazenda do Mendanha, localizada naquela época na periferia rural da cidade do Rio de Janeiro. Filho de agricultores empobrecidos, com grande esforço Freire Alemão logrou ter acesso à instrução básica. Posteriormente, a fim de superar dificuldades, transferiu-se para a cidade, conseguindo prosseguir seus estudos no Seminário de São José, estudos abandonados após algum tempo, pois o aluno não tinha interesse em se ordenar. Passando a viver da humilde condição de professor de primeiras letras e de latim, pôde finalmente freqüentar a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica. Como desejava portar o título de médico, somente conferido no Brasil depois de 1832, quando da transformação daquela antiga instituição em Escola de Medicina, Freire Alemão viajou para a França, amparado pela ajuda de terceiros. Em Paris, matriculou-se na Escola de Medicina, recebendo o título de doutor em fins de 1831, após a defesa da tese *Dissertation sur le groîte.* Apesar dos impecilhos impostos pelo cotidiano parisiense, Alemão pôde acompanhar com grande interesse as aulas de botânica do professor Clarion, que lhe despertaram a vocação de pesquisador. De volta para o Rio de Janeiro, ocorrendo reforma no ensino médico, candidatou-se em 1833 à vaga e obteve a cátedra de Botânica Médica, então criada. Como os médicos professores da Escola de Medicina estavam obrigados a atender ao Paço Imperial, Freire Alemão teve oportunidade de manter contatos pessoais com o Imperador, então ainda adolescente. Desses encontros, surgiu a amizade que cultivará com Pedro II e com a família imperial por toda a vida, amizade já consolidada em 1843, quando foi convida-

do a participar do séquito formado para acompanhar a Imperatriz Teresa Cristina em sua viagem nupcial, de Nápoles ao Brasil. As pesquisas botânicas e as atividades de animação científica desenvolvidas por Freire Alemão logo o qualificaram como figura de excepcional valor no campo do saber que elegera. As indicações de sócio correspondente em 1839 e, logo em seguida, de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comprovavam o reconhecimento dos seus méritos de cientista.

Pruridos nacionalistas que agitavam o meio profissional da incipiente ciência brasileira, deixando o País sempre à mercê de missões compostas por pesquisadores estrangeiros, levaram o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a organizar uma *Comissão Scientifica de Exploração*, tendo o Ceará como ambiente de investigação. De certo modo, a Comisssão recorria ao modelo de organização já desenvolvido nas atividades da Sociedade Velosiana, assim denominada em homenagem ao botânico mineiro Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742 - 1811), patrono dos estudos botânicos. A Sociedade, cujas atividades se apoiavam no empenho e no entusiasmo de Freire Alemão, era dividida em "secções" de mineralogia, botânica, zoologia e língua indígena, que serão reproduzidas na estrutura da Comissão Científica de Exploração.

Definidos os objetivos, indicados os membros cientistas e adquirido o material de trabalho, a Comissão transferiu-se para o Ceará, onde aportou em fevereiro de 1859, trazendo Freire Alemão como chefe, designação sugerida pelo próprio Imperador. Por dois anos, percorreu o território cearense, desenvolvendo pesquisas de botânica, etnografia, zoologia, mineralogia e geologia, astronomia e geografia, entregues à competência de Freire Alemão, Antônio Gonçalves Dias, Manuel Ferreira Lagos, Guilherme Capanema, Giacomo Raja Gabaglia, João Martins da Silva Coutinho e tantos outros expoentes da ciência brasileira na época, ficando a documentação iconográfica a cargo do pintor José dos Reis Carvalho. Apesar de alguns desencontros, verificados particularmente com setores populares e que tanto magoavam o chefe severo, os participantes da Comissão sempre foram recebidos com fidalguia

pelas classes dirigentes da Província, figurando como interlocutor privilegiado o Senador Pompeu, homem cujos conhecimentos se ombreavam com os dos visitantes.

Aos interessados na história das realizações e dos tropeços da Comissão, criticada quando ainda em fase de organização na Corte por detratores gratuitos que lhe externavam inexplicável má vontade, sugere-se consulta à obra básica referente à matéria, a *História da Comissão Científica de Exploração*, do professor Renato Braga (Imprensa Universitária do Ceará, 1962), ponto alto da historiografia cearense especializada.

O material preparado pela Comissão está em parte definitivamente perdido, encontrando-se o remanescente espalhado em inúmeras instituições científicas e culturais do Rio de Janeiro ou extraviado, o que dificulta sobremodo as pesquisas, mesmo porque somente foi publicada uma sinopse dos trabalhos realizados, abrangendo as várias "secções" de estudos. Para se fazer idéia do vulto das atividades, basta apenas dizer que Freire Alemão desenvolveu mais de setecentos estudos botânicos no Ceará, relacionados em dezessete volumes, acompanhados de desenhos pertinentes, além da remessa, para posterior exame, de nada menos do que 12.000 plantas secas colhidas em solo cearense, constituindo um notável documentário dito *Flora Cearense*, inédito. A Província, é certo, contara com anteriores pesquisas botânicas, mas as atividades de Freire Alemão passavam a ocupar um patamar de diferente altura, mesmo porque vinham inseridas em padrões científicos da segunda metade do século XIX e contavam com a assinatura de um pesquisador de prestígio internacional, à parte o fato de integrarem um sistema de ações coletivas desenvolvidas por uma equipe de profissionais especializados, além do mais, diretamente beneficiada com o patrocínio imperial.

Conquanto desfrutasse de renomado conceito como cientista no País e no exterior, entretendo correspondência assídua com grandes nomes da botânica européia, tais como Von Martius e Saint-Hilaire, sempre conservou Freire Alemão o mesmo compor-

tamento esquivo de homem de origem rural, como assinala Darcy Damasceno, um de seus biógrafos (Anais da Biblioteca Nacional, v. 81, 1961). Observador minucioso, como bem o exigia o ramo da ciência abraçado, Freire Alemão costumava registrar os sucessos do cotidiano, comentando-os com benevolência, hábito que lhe permitiu preparar uma "Notícia sobre a minha vida", fonte de informação biográfica do botânico. A gratidão aos que o ajudaram figura como ponto de permanente referência em seus papéis, comprovando-lhe o comportamento ético e o caráter reto e superior.

Afável, modesto, conversador e ouvinte atento, apesar de confessadamente tímido, anotando e mesmo desenhando tudo o quanto se lhe afigurava de interesse, inclusivamente no campo da paisagem urbana e da arquitetura popular, Freire Alemão via o Ceará e os cearenses com grande simpatia e com explícita admiração, como bem pode comprová-lo a leitura dos manuscritos do seu *Diário*, do período de 1859-1861, documento da mais alta importância para os estudos de antropologia cultural e de história da vida privada do Ceará Imperial.

De volta, já no Rio de Janeiro, Freire Alemão continuou suas atividades, procurando aliviar sua solidão de celibatário com o casamento outonal contraído com uma sobrinha. Aposentado na Faculdade de Medicina, tentou a docência na Escola Central, cujo currículo fora então remodelado. Seguidos aborrecimentos fizeram-no, porém, desistir do ensino militar. Nomeado Diretor do Museu Nacional por decisão do próprio Imperador, Freire Alemão atingia consagração à altura de uma vida laboriosa inteiramente dedicada à ciência. Abalos de saúde, inviabilizando suas atividades, obrigaram-no a deixar a cidade e recolher-se aos sítios de sua infância, às terras do Mendanha, onde faleceu a 11 de novembro de 1874. (JLC).